

GUERRAS DA INDOCHINA

*“Estas danadas operações não resolvem nada. Nós destruimos aquele regimento em Chu Lai e agora eles estão combatendo de novo e nós provavelmente vamos derrotá-los e eles voltarão a nos enfrentar dentro de poucos meses.”*⁴⁰

Philip Caputo, fuzileiro naval norte-americano

No século XIX, os franceses assumiram o controle de grande parte da Indochina, no Sudeste da Ásia. Nessa região, eles estabeleceram a colônia da Cochinchina e os protetorados do Anam, do Tonkin, do Laos e do Camboja. Os três primeiros territórios localizavam-se, respectivamente, no Sul, no Centro e no Norte do Vietnã.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses ocuparam gradativamente a Indochina, aproveitando-se do colapso da França frente à Alemanha. Em 1941, um líder conhecido como Ho Chi Minh criou no Tonkin um movimento denominado Vietminh, de inspiração comunista, que tinha como objetivos libertar e unificar o Vietnã. Para isso, Ho Chi Minh encarregou Vo Nguyen Giap de organizar bases de guerrilha no Viet Bac, região montanhosa e coberta por florestas, situada no Norte do Tonkin.

Giap revelou-se um estrategista militar talentoso. Ele era adepto da doutrina da guerra prolongada de resistência preconizada pelo líder revolucionário chinês Mao Tsé-Tung, pela qual a luta contra uma potência imperialista deveria passar por fases. A primeira, da defensiva, ocorreria enquanto se estivesse mais fraco que o inimigo e seria marcada por ações de guerrilha destinadas a desgastar o adversário; a segunda, do equilíbrio de forças, seria caracterizada pela combinação de ações de guerrilha e convencionais; e a terceira, da contraofensiva, se daria quando se estivesse mais forte que o inimigo e seria marcada por operações convencionais empregadas em defesa ou em ataques a posições organizadas. Giap deu outra denominação a essas fases, chamando-as, respectivamente, de guerra de guerrilha, de guerra de movimento e de guerra de posições. Paralelamente às ações militares, deveria haver uma grande mobilização de massas em prol da luta contra o inimigo.

Na Conferência de Potsdam, em julho de 1945, em face da derrota iminente do Japão, os líderes dos Estados Unidos, do Reino Unido e da URSS, definiram que, ao término da Segunda Guerra Mundial, caberia aos ingleses render e repatriar os japoneses que ocupavam o Sul do Vietnã e aos chineses, do Partido Nacionalista, os que ocupavam o Norte do país. O paralelo 16° delimitaria a área de atuação de ingleses e chineses.

⁴⁰Apud KELLETT, 1987, p. 279.

No final de agosto, entre a capitulação do Japão e a chegada das tropas que deveriam realizar a rendição dos japoneses, forças do Vietminh apossaram-se dos órgãos governamentais em Saigon e Hanói, capitais da Cochinchina e do Tonkin, respectivamente, e proclamaram a República Democrática do Vietnã.

Em setembro, tropas britânicas, indianas e nepalesas (gurkhas), comandadas pelo general inglês Douglas D. Gracey, chegaram ao Sul do Vietnã para cumprir o acordado em Potsdam. Em face da desordem encontrada e para facilitar o repatriamento dos japoneses, Gracey começou a substituir as lideranças e as forças do Vietminh, que administravam Saigon, por autoridades e tropas francesas. Os integrantes do Vietminh revoltaram-se contra essa medida e reagiram pela força. Todavia, as tropas de Gracey, com o apoio de forças francesas e japonesas, controlaram a situação. No início de 1946, tropas francesas, comandadas pelo general Philippe Leclerc, assumiram a responsabilidade pela administração do Sul do Vietnã e as forças britânicas retiraram-se.

Os chineses também cumpriram o tratado em Potsdam, mas, diferentemente dos britânicos, deixaram o Vietminh administrar o Norte do Vietnã. Todavia, para apressar a retirada dos chineses, rivais históricos dos vietnamitas, o Vietminh aceitou entrar em negociações com autoridades francesas e permitiu o desembarque de tropas da França na cidade litorânea de Haifong, em março de 1946.

Os franceses estavam dispostos a conceder autonomia interna ao Vietnã, desde que este, juntamente com o Laos e o Camboja, passasse a fazer parte de uma federação indochinesa, subordinada à União Francesa (organismo que reunia a França metropolitana e seus departamentos e territórios ultramarinos, além de Estados associados). Ho Chi Minh aceitava que o Vietnã fizesse parte da federação indochinesa, todavia, em contrapartida, exigia a total independência, a unificação e a retirada das tropas francesas do Vietnã. Autoridades do Laos e do Camboja aceitaram os termos franceses e seus países conseguiram uma independência tutelada, já que se tornaram Estados associados à França.

Em meio ao impasse, em novembro, começou a luta armada entre o Vietminh e os franceses, que ficou conhecida como Guerra da Indochina. No início da guerra, Giap contava com cerca de trinta mil homens, bastante motivados para lutar pela independência, mas sem experiência, pouco equipados e mal instruídos. Com o desenrolar da luta, o Vietminh aumentou seus efetivos e os equipou e adestrou melhor. As tropas francesas, durante toda a guerra, foram constituídas por soldados profissionais, muitos dos quais veteranos da Segunda Guerra Mundial, dispostos a resgatar o senso de honra do Exército Francês, ofuscado pela humilhante derrota frente aos alemães em 1940. O governo francês preferiu não utilizar tropas metropolitanas na Indochina, pois isso poderia desgastá-lo perante a opinião pública, já que os franceses não estavam dispostos a sacrificar seus jovens em um conflito colonialista. Em consequência, a França empregou unidades formadas em seus territórios ultramarinos e Estados Associados, constituídas por voluntários franceses e nativos (argelinos, senegaleses, vietnamitas, entre outros).

Os primeiros combates de vulto ocorreram em Hanói, Huê e Haifong, e os franceses mostraram-se superiores às forças do Vietminh. Diante disso, Giap ordenou a retirada para o Viet Bac, de onde o Vietminh passou a lançar ações de guerrilha (primeira fase da guerra prolongada de resistência). Os franceses aproveitaram-se da retirada do inimigo para reforçar a autoridade nas áreas mais populosas do Vietnã.

Nos anos seguintes, os combates prosseguiram no Tonkin e estenderam-se, com menos intensidade, para o Sul do Vietnã, pois o Vietminh estipulou como objetivos o controle dos deltas dos rios Vermelho e Mekong, no Norte e Sul do Vietnã, respectivamente. Nesses deltas encontrava-se a maior parte da população, produzia-se grande quantidade de arroz e localizavam-se as principais cidades (Saigon e Hanói) e entroncamentos ferroviários e rodoviários. Os confrontos eram normalmente brutais, mas de pequena envergadura, pois o Vietminh esquivava-se de batalhas decisivas, por se considerar ainda despreparado para ações de grande amplitude. Os franceses mantiveram os deltas e, em junho de 1948, estabeleceram uma república vietnamita títere, governada nominalmente por Bao Dai, um antigo imperador do Vietnã, que renunciara ao título.

Em 1949, porém, novos eventos transformariam a situação. Comunistas, liderados por Mao Tsé-Tung, assumiram o poder na China e passaram a apoiar o Vietminh. Em contrapartida, os norte-americanos, empenhados em deter a expansão do comunismo, concederam aos franceses auxílio material e financeiro.

Também em 1949, os franceses mudaram de estratégia no Norte do Vietnã, por não terem expectativa de vencer decisivamente o Vietminh. Eles concentraram a maior parte das tropas no Delta do Rio Vermelho, para cortar o fluxo de suprimento de arroz, que, dali, clandestinamente, abastecia os guerrilheiros nas montanhas; e reduziram o número de postos avançados nas zonas montanhosas, deixando nessas somente bases consideradas suficientemente fortes para resistir a ataques do Vietminh, a partir das quais esperavam lançar ataques e cortar as rotas de suprimentos que, da China, abasteciam os guerrilheiros. Particularmente, na cordilheira de Cao Bang-Lang Son, no Viet Bac, eles instalaram bases consistentes em Cao Bang, Dong Khe e That Khe, ao longo da Rota Colonial 4 (RC 4).

Em 1950, o Vietminh estava muito mais forte do que no início da guerra, o que não foi percebido pelos franceses. Muitas das unidades de Giap haviam sido treinadas pelos chineses, que também lhes forneceram grande quantidade de suprimentos, inclusive de armas de grosso calibre. Sentindo-se confiante, em maio, Giap lançou uma grande ofensiva para se apoderar da Cordilheira de Cao Bang-Lang Son (início da segunda fase da guerra prolongada de resistência). Suas forças sitiaram as bases francesas e buscaram controlar a RC 4, através da qual os franceses abasteciam e reforçavam as tropas que defendiam Cao Bang, Dong Khe e That Khe. Após combates de grande intensidade, as bases e farta quantidade de munição caíram em poder do Vietminh. Em outubro, os comandantes franceses reconheceram a impossibilidade de manter a cordilheira, o que representou um sério revés as suas pretensões de pôr fim à guerrilha, pois o

Vietminh passou a dominar uma faixa de terra no Norte do Vietnã que da costa prolongava-se até as fronteiras da China e do Laos.

Em 17 de dezembro, o general Jean de Lattre de Tassigny assumiu o comando das tropas francesas. Ele mandou construir uma sólida linha defensiva ao longo do Delta do Rio Vermelho, com muitos fortins e bem provida de unidades de artilharia e infantaria. Além das defesas estáticas, organizou grupamentos móveis, constituídos, de acordo com a necessidade, por elementos de unidades motorizadas, blindadas, anfíbias e aéreas. Caberia aos grupamentos móveis realizar ataques fulminantes às concentrações de tropas inimigas.

Paralelamente, Giap considerou ter chegado o momento de uma ofensiva geral destinada a expulsar os franceses do Delta do Rio Vermelho, que, se tivesse sucesso, poderia significar o fim do domínio francês na Indochina. O ataque foi desencadeado em janeiro de 1951, mas acabou rechaçado pelos franceses, bem posicionados na Linha de Lattre. Derrotado e com grandes perdas humanas e materiais, o Vietminh retornou para as montanhas.

Giap, entretanto, percebeu que os franceses, ao reforçarem as defesas no Delta do Rio Vermelho, deixaram outras regiões da Indochina pouco guarnecidas. Resolveu, então, estender as ações do Vietminh para o Laos, que se encontrava pouco protegido, de onde poderia avançar para o sul e atacar, com mais intensidade, os franceses no Delta do Rio Mekong. Isso, no entanto, demoraria algum tempo, pois o Vietminh ainda não tinha logística para uma operação dessa envergadura.

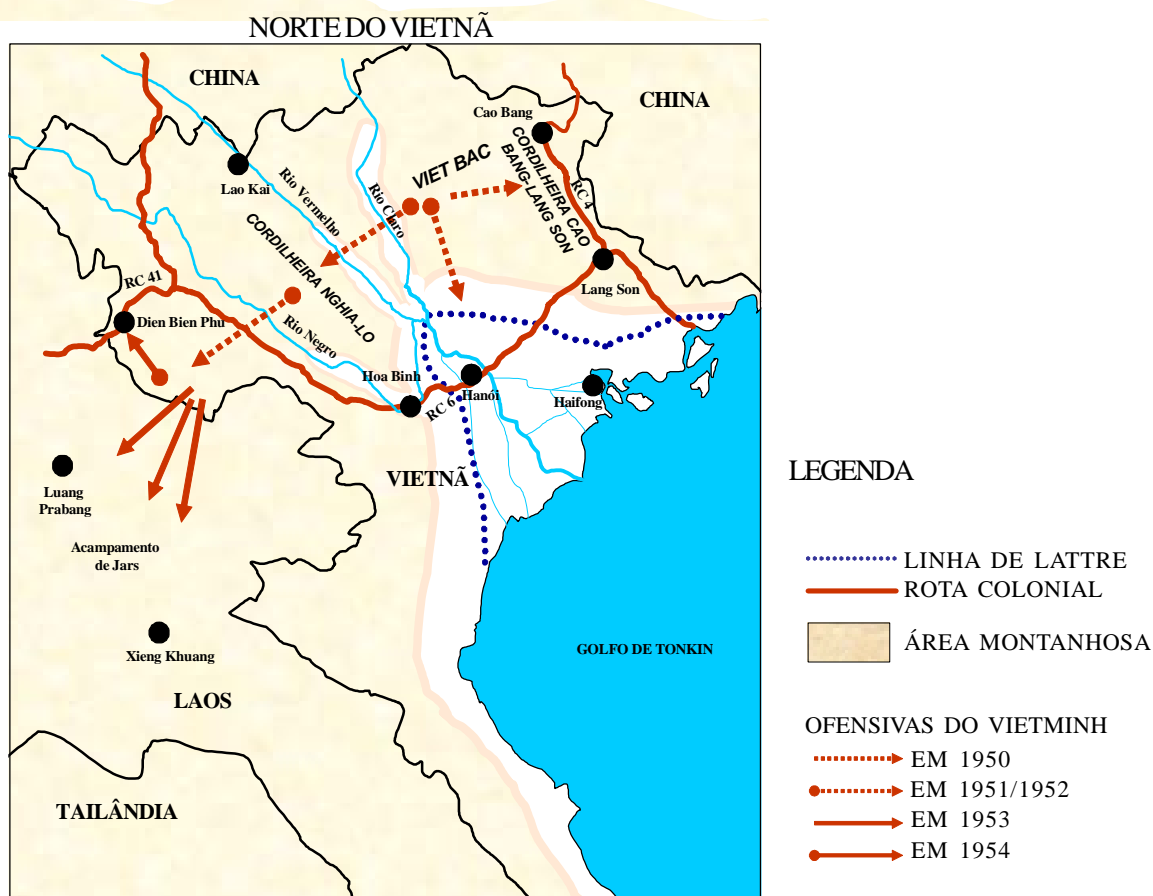
Não obstante, em setembro de 1951, Giap ordenou que uma divisão atacasse bases francesas na cordilheira de Nghia-Lo. Os ataques fracassaram e a divisão foi obrigada a recuar. De Lattre, por sua vez, considerou ser necessário atrair o inimigo para um combate de grande porte. Para isso, em novembro, ordenou a ocupação da localidade de Hoa Binh, na Rota Colonial 6 (RC 6), por onde passava boa parte do suprimento destinado às tropas do vietminh que operavam nas proximidades da fronteira com o Laos. Os franceses conquistaram a localidade, mas acabam cercados pelo inimigo. Em fevereiro de 1952, diante da pressão do Vietminh, o general Raoul Salam, que substituíra de Lattre, ordenou a evacuação de Hoa Binh.

Em setembro, o Vietminh lançou uma bem sucedida ofensiva que destruiu bases francesas na cordilheira de Nghia-Lo. Aproveitando o êxito, as tropas do Vietminh prosseguiram até a fronteira do Laos, onde atacaram sem sucesso guarnições francesas, que foram supridas e reforçadas por via aérea. Os franceses reagiram lançando uma contraofensiva para reconquistar a cordilheira de Nghia-Lo e, assim, cortar as recém-instaladas linhas de suprimento que contribuíam para abastecer os comunistas que se encontravam na fronteira com o Laos. As tropas francesas, porém, foram lançadas de forma esparsa na cordilheira e logo se viram isoladas pelo inimigo. Em novembro, após combates sangrentos, Salam constatou que suas tropas eram incapazes de manter a ocupação de uma área que se estendia por cerca de 160 km e ordenou a retirada.

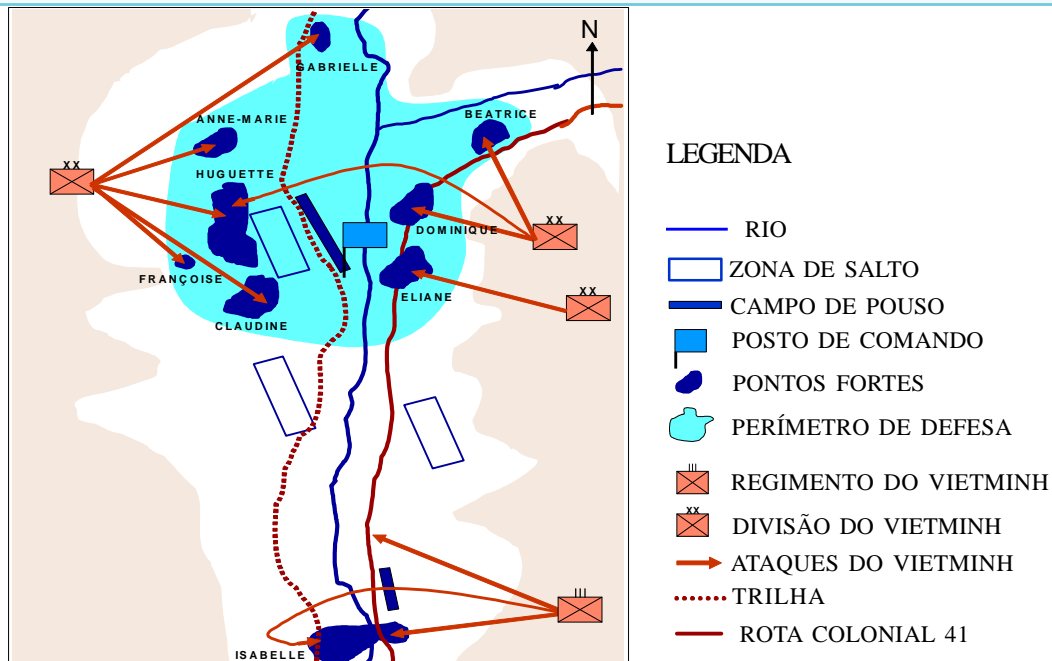
No ano de 1952 e nos primeiros meses de 1953, o Vietminh preparou-se para uma grande investida ao Laos. Paralelamente, a opinião pública da França exigia um desfecho para a guerra e os norte-americanos cobravam dos comandantes franceses uma postura mais ofensiva. Em abril de 1953, Giap lançou a planejada ofensiva sobre o Laos, que obteve êxitos parciais (início da terceira fase da guerra prolongada de resistência), pois o Vietminh, embora tenha se apossado de áreas laosianas, não conseguiu conquistar as importantes localidades de Xieng Khuang, Luang Prabang e “Acampamento de Jars”.

Em maio, o general Henri Navarre assumiu o comando das tropas francesas, disposto a pôr um fim na guerra. Ele esperava atrair as forças inimigas para um local cuja posse lhes fosse de vital importância, e ali destruí-las em uma batalha decisiva. O fato de estar prevista uma conferência de paz em Genebra pesou também na decisão de Navarre, pois uma importante vitória reforçaria a posição dos diplomatas franceses. O local escolhido foi a aldeia de Dien Bien Phu, que foi ocupada por paraquedistas franceses em novembro.

Giap decidiu travar o combate decisivo desejado por Navarre. Antes disso, porém, ele ordenou o desencadeamento de operações diversionárias no Laos e na Cordilheira Anamita, tendo em vista forçar o inimigo a dispersar suas tropas. Depois das ações diversionárias, o Vietminh atacou e venceu os franceses em Dien Bien Phu.



BATALHA DE DIEN BIEN PHU



Em abril de 1953, Vo Nguyen Giap, líder do Vietminh, lançou uma potente ofensiva sobre o Laos, que foi barrada pelos franceses nas localidades laosianas de Xieng Khuang, Luang Pabang e “Acampamento de Jars”. O general Henri Navarre, comandante das tropas francesas na Indochina, estava disposto a pôr fim à ofensiva do Vietminh e à própria guerra. Para isso, ele planejou instalar uma base em um local cuja posse fosse de vital importância para o inimigo, a fim de atraí-lo para uma batalha convencional decisiva. O local escolhido foi a aldeia Dien Bien Phu, por diversos motivos: a localidade encontrava-se em um vale por onde passava a Rota Colonial 41 (importante via de comunicação do Vietminh), localizava-se à retaguarda das tropas que atacavam o Laos, dispunha de campos de pouso e estradas, estava cercada por elevações que os franceses consideravam inacessível para artilharia de grosso calibre e em suas proximidades existiam colinas que serviriam como pontos fortes. A base deveria ser capaz de resistir a um cerco prolongado. Para isso seria bem provida de armas de grosso calibre e blindados e abastecida e apoiada pela Força Aérea. Os franceses consideravam, também, que o Vietminh não poderia suprir as tropas durante um cerco prolongado, pois à Força Aérea Francesa facilmente iria desarticular suas linhas de abastecimento. Dando início ao plano de Navarre, em novembro, paraquedistas ocuparam Dien Bien Phu, encontrando pouca resistência. O coronel Christian de la Croix de Castries foi encarregado de comandar as tropas em Dien Bien Phu. Os franceses imediatamente iniciaram patrulhamentos e trabalhos de fortificação. Campos de pouso foram melhorados e um perímetro de defesa foi estabelecido. Pontos fortes, que receberam nomes de mulheres, foram levantados em colinas dentro do perímetro defensivo: no norte ficou “Gabrielle”, no nordeste, “Béatrice”, no leste, “Eliane” e “Dominique”, no noroeste, “Anne-Marie” e “Huguette”, no oeste, “Françoise”, no sudoeste, “Claudine”, e no sul, mais distante, a cerca de 6 km, “Isabelle”. No centro da base ficou o posto de comando de Castries, um hospital e unidades logísticas e de artilharia. Giap resolveu travar a batalha decisiva. Ordenou o sítio à base e o início de ações de pequena envergadura. Enquanto essas ocorriam, o Vietminh transportou, desmontados, cerca de 200 canhões e farta quantidade de munição para as alturas que cercavam a base e mobilizou cerca de 50 mil homens para o ataque. Em 13 de março de 1954, teve início a ofensiva do Vietminh, com um grande bombardeio. Os cerca de 10 mil defensores franceses, surpreendidos, tentaram responder ao fogo inimigo, mas não obtiveram êxito, já que os canhões inimigos estavam bem protegidos. Enquanto eram bombardeados, os franceses passaram a ser atacados em massa pela infantaria inimiga, em vários setores. Isabelle acabou isolada e outros problemas surgiram: a força aérea mostrou-se incapaz de cortar o fluxo de suprimento do inimigo, aviões eram alvo da artilharia antiaérea e o mau tempo restringiu o envio de reforços e suprimentos, que, por vezes, foram parar em áreas controladas pelo Vietminh. A pressão do Vietminh manteve-se constante e os contra-ataques franceses fracassaram. Gradativamente, os pontos fortes franceses foram sendo perdidos. Em 7 de maio, as forças do Vietminh chegaram ao posto de comando de Castries e os franceses renderam-se. Os franceses tiveram 8.221 baixas (1293 mortos), o Vietminh cerca de 23 mil (8 mil mortos). A derrota convenceu o governo francês a parar a luta na Indochina e aceitar os termos de paz da Conferência de Genebra, firmados em 21 de julho, pondo fim ao domínio da França na Indochina.

A derrota em Dien Bien Phu fez com que o governo francês estivesse bastante desgastado na conferência de paz em Genebra, iniciada em abril de 1954. Durante as conversações foi acordado que o Laos e o Camboja tornar-se-iam plenamente independentes e que o Vietnã seria dividido no paralelo 17º, até que ocorressem eleições nacionais para a escolha de um governante único.

Em consequência, os franceses retiraram-se da Indochina e tomaram forma o Vietnã do Norte e o do Sul. O primeiro, com o apoio da URSS e da China, tornou-se um Estado socialista, com capital em Hanói, governado por Ho Chi Minh; o segundo, respaldado pelos Estados Unidos, tornou-se um Estado capitalista, com sede em Saigon, presidido por Ngo Dinh Diem.

A guerra causou a morte de cerca de cem mil combatentes da França e trezentos mil do Vietminh, mas não trouxe a paz ao Vietnã. Os problemas recomeçaram em 1956, quando as eleições previstas não aconteceram, pois Diem alegou que estas só teriam validade caso fossem completamente livres, o que, segundo o presidente sul-vietnamita, a ação de comunistas infiltrados no sul impedia.

Algum tempo depois, em 1960, guerrilheiros “vietcongues” (termo pejorativo usado por sul-vietnamitas ao fazerem referência aos comunistas), insuflados pelo governo de Hanói, aproveitaram-se da impopularidade do regime de Diem, tido como ditatorial e corrupto, para organizarem a Frente de Libertação Nacional (FLN), que tinha como objetivos derrubar Diem e unificar o Vietnã sob um regime socialista.

No início da década de 1960, a FLN somava cerca de 40 mil combatentes fortemente influenciados por ideais comunistas. A estes juntaram-se, nos anos seguintes, outros milhares que provinham, em grande parte, da zona rural ou dos bairros pobres das

“VIETCONGUES” EM TREINAMENTO



idades. Os “vietcongues” organizavam-se em unidades de até 600 homens e portavam armamentos leves (fuzis, morteiros, lança-foguetes e fuzis-metralhadores) fornecidos, principalmente, pela URSS. Seu treinamento era realizado em bases situadas nas selvas e consistia do aprendizado de táticas de guerrilha. Eram muito disciplinados e esperavam vencer o conflito solapando a vontade de lutar do inimigo, por meio de uma guerra prolongada de resistência, semelhante àquela que o Vietminh desencadeara contra os franceses.

Os “vietcongues” eram apoiados, principalmente em ações de grande envergadura, por tropas do Exército Norte-Vietnamita (ENV), que possuía armamentos pesados (mísseis antiaéreos, carros-de-combate e veículos de transporte blindados) de origem geralmente soviética e contava, no início da década de 1960, com cerca de um milhão e meio de combatentes.

O movimento “vietcongue” expandiu-se rapidamente, principalmente nas zonas rurais. Isso preocupou Diem, que para enfrentá-lo dispunha do inexperiente e indisciplinado Exército da República do Vietnã (ERV).

Em 1961, o ERV passou a ser treinado, armado e equipado pelos Estados Unidos e, em 1964, seu efetivo chegou a 416 mil homens. Seus integrantes, recrutados normalmente nas cidades, demonstraram, durante o conflito, em sua maioria, moral baixo, sendo frequentes as deserções. Isso se devia em grande parte à corrupção, ao favoritismo e à falta de espírito ofensivo que grassavam no ERV.

O ERV demonstrou impotência ao tentar conter o avanço dos “vietcongues”, o que deixou o governo norte-americano preocupado com uma possível queda do regime sul-vietnamita. Muitos norte-americanos temiam a ocorrência de um “efeito dominó”, ou seja, a queda de um governo capitalista provocaria a derrubada de outros, ocasionando uma expansão comunista desenfreada pelos países do Sudeste Asiático.

Para conter tal ameaça, o governo dos Estados Unidos decidiu reforçar seu apoio a Diem. Para tanto, em 1961, destacou para o Vietnã conselheiros militares e pilotos de helicóptero, o que marcaria o início de um novo conflito, que ficou conhecido como Guerra do Vietnã. Os resultados de tais medidas, no entanto, não foram satisfatórios, pois a pressão dos “vietcongues” sobre o governo sediado em Saigon continuava a aumentar.

Nos anos seguintes, em face do agravamento da situação, os Estados Unidos adotaram medidas mais drásticas: apoiaram um golpe militar que depôs Diem, considerado incapaz de conter os comunistas; bombardearam sistematicamente o Vietnã do Norte, tendo como pretexto um suposto ataque norte-vietnamita a um destróier norte-americano (incidente do Golfo de Tonkin); e destacaram tropas terrestres, comandadas pelo general William C. Westmoreland, para combater os “vietcongues”. As forças terrestres norte-americanas, todavia, não tinham permissão para ultrapassar o paralelo 17°, já que o governo norte-americano temia que uma invasão de suas tropas ao Vietnã do Norte resultasse em uma intervenção da URSS e da China.

Em 1965 havia 180 mil soldados norte-americanos no Vietnã, cabendo-lhes a maior parte da responsabilidade pelo combate à FLN. Dois anos mais tarde, Westmoreland, contando então com 480 mil combatentes norte-americanos, lançou grandes operações, como a “Cedar Falls” e a “Junction City”, que resultaram na reconquista de importantes áreas do Vietnã do Sul e na contenção do ímpeto “vietcongue”.

Os Estados Unidos destacaram diversas unidades de elite para combater no Vietnã, entre as quais a 1ª Divisão de Cavalaria (1st Cavalry Division), que dispunha de cerca de 400 helicópteros para transporte de material e pessoal.

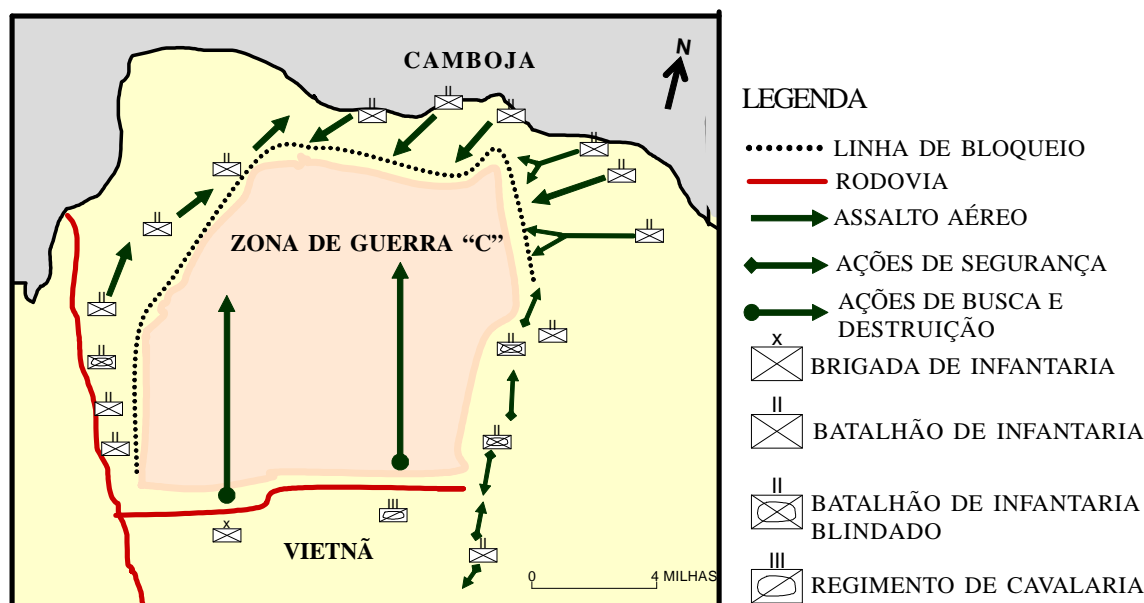
Nos primeiros anos da guerra, os combatentes dos Estados Unidos demonstraram elevado moral e boa combatividade, pois sentiam-se com o dever de salvaguardar o mundo e os valores da sociedade americana das ameaças comunistas. Contavam com grande apoio logístico e ampla variedade de modernos armamentos e veículos, inclusive grande quantidade de helicópteros, que pela primeira vez tiveram papel relevante em ações de combate.

As forças americanas, todavia, desde o começo da guerra apresentaram deficiências que se agravaram no transcorrer do conflito. Embora os soldados fossem recrutados pelo sistema de conscrição obrigatória universal, a maioria dos recrutas destinados às unidades de combate provinha de classes sociais desfavorecidas e tinha baixa escolaridade, o que influía negativamente no desempenho operacional. Havia também um sistema de rodízio de pessoal muito inadequado, pelo qual os oficiais serviam em unidades de

SOLDADOS NORTE-AMERICANOS



OPERAÇÃO “JUNCTION CITY”



No ano de 1966, boa parte dos suprimentos remetidos pelo Vietnã do Norte aos “vietcongues” que operavam nos arredores de Saigon era armazenada na província de Tai Ninh, na fronteira entre o Vietnã do Sul e o Camboja, denominada pelos norte-americanos de Zona de Guerra “C”. Nessa região, encontravam-se também os principais redutos “vietcongues”, inclusive seu quartel-general, o Escritório Central no Vietnã do Sul (ECVS). No período de 22 de fevereiro a 14 de maio de 1967, tropas norte-americanas e do Exército Sul-Vietnamita desencadearam a Operação “Junction City”, com o intuito de localizar e destruir o ECVS, os redutos e as bases de suprimentos inimigas. A operação consistiu de um grande cerco à Zona de Guerra “C”, a partir do qual forças norte-americanas e sul-vietnamitas lançaram ações de busca e destruição na zona isolada, com o objetivo de eliminar forças inimigas e destruir sistemas logísticos. Era uma operação tipo “martelo-bigorna”, ou seja, parte das tropas bloqueava a área a ser vasculhada (bigorna), enquanto as demais executavam ações de busca e destruição (martelo). Para cumprir a missão, o Exército Norte-Americano e o Sul-Vietnamita mobilizaram diversas unidades aéreas e terrestres, fartamente equipadas e armadas. A 1ª fase da operação teve início em 22 de fevereiro e durou até 27 de março, no noroeste da Zona de Guerra “C”. Tropas paraquedistas estabeleceram uma linha de bloqueio, enquanto outras forças executavam missões de busca e destruição. As tropas norte-americanas e sul-vietnamitas surpreenderam o adversário, eliminaram muitos inimigos e destruíram acampamentos e bases de suprimentos (inclusive o escritório de propaganda do ECVS). Uma 2ª fase iniciou-se em 28 de março e prolongou-se até 15 de abril, no leste da Zona de Guerra “C”. Intensas buscas e combates foram realizados, sempre favoráveis aos norte-americanos e sul-vietnamitas. Depois ocorreu a 3ª fase, no sudoeste da Zona de Guerra “C”, de 16 de abril a 14 de maio, trazendo poucos resultados positivos aos norte-americanos e sul-vietnamitas, que não mais contavam com o elemento surpresa. Na operação, os norte-americanos e sul-vietnamitas perderam 282 soldados, mas eliminaram 1.728 combatentes inimigos. A operação foi considerada um sucesso pelos norte-americanos e sul-vietnamitas, pois acreditavam haver desarticulado o ECVS. Na realidade, porém, a “Junction City” trouxe poucos benefícios a norte-americanos e sul-vietnamitas, já que estes logo se retiraram da Zona de Guerra “C”, que foi reocupada e voltou a servir como área de apoio para os “vietcongues”.

primeiro escalão por seis meses e as praças por um ano. Esse fato originava revezamentos constantes, que afetavam a coesão dos grupos, pois os oficiais não conseguiam identificar-se com os subordinados, e nem estes entre si e com seus superiores, ou seja, a alta rotatividade impedia a efetivação de laços profundos entre os integrantes das frações, devido ao pouco tempo de convivência.

Em 1967, muitos militares norte-americanos começaram a duvidar que as grandes operações contra os “vietcongues” pudessem levá-los a uma vitória decisiva, já que territórios às vezes arduamente conquistados, por falta de pessoal e meios para mantê-los, eram abandonados e reocupados pelo inimigo. Isto obrigava Westmoreland a solicitar a seu governo o envio de um número crescente de soldados para o Vietnã.

Paralelamente, outros fatos preocupavam os norte-americanos: o bombardeio ao Vietnã do Norte não trazia os resultados esperados e só reforçavam a resolução dos norte-vietnamitas em continuar a luta. Os ataques aéreos à trilha Ho Chi Minh, principal rota de suprimento “vietcongue”, não tinham o êxito esperado. Muitos soldados norte-americanos tinham dificuldade para fazer a distinção entre guerrilheiros e camponeses, o que resultava, por vezes, na destruição de aldeias, na ruína de lavouras e na morte de civis. Além disso, o número crescente de baixas descontentava a população dos Estados Unidos, que começou a pressionar o governo para pôr fim à participação norte-americana na guerra.

Os movimentos populares para o fim da guerra eram estimulados pelas dificuldades encontradas pelos militares norte-americanos, que eram acompanhadas por jornalistas que faziam uma cobertura livre da guerra. Reportagens diárias na televisão, por exemplo, expunham a dura realidade da guerra, levando um número crescente de pessoas a questionar a intervenção de seu país no Vietnã.

Por outro lado, o desenrolar da guerra também preocupava as lideranças norte-vietnamitas e “vietcongues”, pois, em decorrência da maciça intervenção norte-americana, as forças comunistas haviam sido contidas e sofrido um grande número de baixas. Os estrategistas norte-vietnamitas e “vietcongues” calculavam que, se o esforço norte-americano continuasse no mesmo ritmo, com crescente envio de pessoal e material para o Vietnã, a vitória penderia para o lado do inimigo. Em face da situação, em 1968, os líderes comunistas resolveram lançar uma ofensiva decisiva, com todas as forças disponíveis.

Em 31 de janeiro de 1968, “vietcongues” e tropas norte-vietnamitas lançaram a Ofensiva do Tet (feriado do Ano Novo do calendário lunar vietnamita) sobre mais de cem cidades e aldeias por todo o Vietnã do Sul. Todavia, os norte-americanos e o ERV prontamente contra-atacaram e, em sangrentos combates, como os ocorridos em Saigon, Khe Sanh e Hue, infligiram duras baixas aos adversários. Ao final da ofensiva, aproximadamente 80.000 “vietcongues” foram mortos, aos quais se somaram 7.721 civis, 1.100 norte-americanos e aproximadamente 2.900 soldados do ERV.

FORMA DE COMBATE DOS BELIGERANTES

Os “vietcongues”, dispendo de uma quantidade de meios muito inferior à dos norte-americanos e sul-vietnamitas, tinham ciência de que não poderiam vencer seus adversários em combates convencionais. Por isso optaram por derrotá-los através de uma guerra prolongada de resistência. Inicialmente, estabeleceram bases nas florestas, muitas interligadas por túneis, de onde partiam, de surpresa, para empreender ações de pequena envergadura destinadas a desgastar as forças inimigas. Caso estas adentrassem nas selvas em seu encalço, os “vietcongues” procuravam emboscá-las (faziam também amplo uso de armadilhas, para causar baixas). Se o poder do inimigo era por demais superior, os “vietcongues” retiravam-se da região, retornando quando o perigo cessasse. Todavia, em 1968, na ofensiva do Tet, e nos últimos anos da guerra, eles, apoiados pelo ENV, fizeram uso de ações convencionais.

Os norte-americanos e sul-vietnamitas, por sua vez, queriam travar batalhas decisivas, mas os “vietcongues” as evitavam (exceto na Ofensiva do Tet e nos últimos anos da guerra). A maior dificuldade dos norte-americanos era a de localizar o inimigo, oculto em matas ou em vilarejos (era difícil distinguir um guerrilheiro de um camponês, às vezes o inimigo era as duas coisas).

O general Westmoreland, comandante das forças norte-americanas no Vietnã, resolveu empregar a ampla superioridade em mobilidade e poder de fogo para derrotar o adversário. Por meio de helicópteros, os soldados norte-americanos avançavam rapidamente para o interior de áreas ocupadas por guerrilheiros para localizá-los. Uma vez estabelecido o contato, faziam uso do elevado poder de fogo de suas unidades de artilharia, navios e aeronaves, para destruir as unidades guerrilheiras.

No Vietnã, os norte-americanos utilizaram-se muito das bases de artilharia, que eram posicionadas em território inimigo para proporcionar apoio de fogo às patrulhas de infantaria que saíam em busca do inimigo. As bases de artilharia normalmente contavam com uma bateria, dotada de quatro ou seis obuseiros de 105mm ou 155mm. Dispunham de heliporto, e seus defensores faziam amplo uso de fortificações (abrigos, minas e arame farpado). Caso fosse necessário, os comandantes das bases poderiam solicitar apoio de fogo de helicópteros, caças e bombardeiros.

BASE DE ARTILHARIA



Westmoreland considerou que os norte-americanos conseguiram uma vitória decisiva ao barrar a Ofensiva do Tet, mas os ataques comunistas repercutiram de forma diferente nos Estados Unidos, onde a população ficou abalada pelo número de baixas norte-americanas e pelo vigor das ações inimigas. Boa parte da população passou a considerar que, ao contrário do que diziam as autoridades, a guerra iria prolongar-se por muito mais tempo e que talvez não pudesse ser vencida. Notícias sobre o sofrimento de civis vietnamitas, que os norte-americanos diziam proteger, aumentaram ainda mais os sentimentos antibelicistas nos Estados Unidos. O caso de um massacre de centenas de civis sul-vietnamitas, na aldeia de My Lai, em março de 1968, perpetrado por soldados norte-americanos, comandados pelo tenente William Laws Calley Jr., causou grande comoção e teve ampla repercussão.

Em 1968, pressionado pela opinião pública, o presidente norte-americano, Lyndon Johnson, não aceitou os pedidos de Westmoreland para que fossem enviados mais soldados ao Vietnã e para que operações destinadas a bloquear a trilha Ho Chi Minh fossem estendidas até o Laos e o Camboja. Johnson também reduziu a escala de bombardeios ao Vietnã do Norte, para que fosse possível a realização de conferências de paz, que se iniciaram no mês de maio.



Em meio a crescentes protestos antibelicistas, Richard M. Nixon foi eleito presidente dos Estados Unidos em novembro de 1968, comprometendo-se a repatriar os soldados que estavam no Vietnã. Paradoxalmente, Nixon expandiu a guerra ao Camboja e ao Laos, para que fossem atacadas bases inimigas.

Nos anos de 1968 e 1969, a guerra prosseguiu com ferocidade e com significativos avanços das tropas norte-americanas, que expulsaram os “vietcongues” para regiões remotas. O governo norte-americano, no entanto, resolveu iniciar um processo para retirar suas tropas do Vietnã de maneira honrosa. Westmoreland foi substituído pelo general Creighton W. Abrams, que iniciou uma política de “vietnamização” do conflito, ou seja, gradualmente os norte-americanos passaram o encargo de defender o Vietnã do Sul ao ERV, enquanto retiravam suas tropas do país.

A partir do ano de 1969, o moral e a capacidade combativa das tropas norte-americanas começaram gradativamente a declinar. Os soldados sentiam-se desiludidos com a guerra, pois eram muito influenciados por manifestações contra o conflito, expressas através de veículos de comunicação, passeatas, e, até mesmo, declarações de altos servidores do governo. Isso criava nas tropas um clima de inquietação e falta de objetivo, que minavam a dedicação e a disciplina dos soldados, estimulando o consumo de drogas e os sentimentos antibelicistas. Muitos soldados passaram a estabelecer objetivos personalistas (voltar para casa a salvo, após um ano de serviço militar), negligenciando, em consequência, o cumprimento das missões que lhes eram atribuídas. Para agravar, oficiais e sargentos passaram a tolerar o afrouxamento dos padrões militares, tendo como desculpa as peculiaridades do conflito.

ARMAMENTOS

O FUZIL AK47 E O M16

O fuzil AK47 (1), calibre 7,62mm, foi criado em 1947, por Mikhail Kalashnikov. Foi amplamente empregado pelos “vietcongues”. Pesa 3,8 kg (sem o carregador de munição), possui um alcance útil de cerca de 400 metros e é capaz de disparar 600 tiros por minuto. O fuzil M16, calibre 5,56mm, foi desenvolvido por Eugene Stoner e adotado pelo Exército Norte-Americano em 1966. Pesa 3,8 kg (sem o carregador de munição), possui um alcance útil de cerca de 450 metros e é capaz de disparar 800 tiros por minuto. Ambos os fuzis podem realizar disparos automaticamente, graças ao aproveitamento dos gases resultantes da deflagração do cartucho. O AK47 mostrou-se superior ao M16, devido a sua praticidade, manutenção simples e resistência.



Em 1972, diante da progressiva retirada de soldados norte-americanos do Vietnã, as lideranças do Vietnã do Norte e da FLN sentiram-se confiantes para lançar novas ofensivas. Os ataques acabaram debelados graças à combinação do poder aéreo dos Estados Unidos e uma forte resistência do ERV. Mesmo assim, no final dos combates, os norte-vietnamitas e “vietcongues” tinham assumido o controle de importantes áreas no norte e oeste do Vietnã do Sul.

Em 23 de janeiro de 1973, o Vietnã do Norte e a FLN assinaram um cessar-fogo com os Estados Unidos, após uma última demonstração do poder norte-americano, quando bombardeiros B-52 devastaram alvos em cidades norte-vietnamitas. As lutas entre o ERV e a FLN, não obstante, continuaram em pequena escala.

Os “vietcongues”, porém, passaram a reforçar-se para uma ofensiva final, enquanto o Exército Sul-Vietnamita enfraquecia-se por perder o apoio que recebia do governo norte-americano (o congresso impediu o envio de novos recursos ao Vietnã do Sul). Em dezembro de 1974, depois dos Estados Unidos terem retirado quase todas as suas tropas do Vietnã, os “vietcongues” e contingentes do Exército Norte-Vietnamita lançaram uma derradeira ofensiva, que resultou, em abril de 1975, na conquista de Saigon e na destruição total do ERV.

Em 1976, o Vietnã foi oficialmente unificado sob um regime comunista de estado, mas encontrava-se arrasado em decorrência de mais de trinta anos de guerras. Milhões de camponeses haviam sido mortos, feridos ou desalojados; e um terço das terras do sul estava envenenada por agentes químicos ou devastadas por bombas e projéteis de artilharia. Morreram durante a intervenção dos Estados Unidos, 58.209 combatentes norte-americanos, cerca de 250.000 do ERV e aproximadamente 1.100.000 da FLN e do EVN.

As guerras na Indochina demonstraram a importância da imprensa, da opinião pública e da guerra prolongada de resistência, que juntamente com a falta de metas claras por parte de franceses e de norte-americanos, contribuíram para a vitória comunista. Os norte-americanos, tirando lições da guerra, buscaram profissionalizar suas forças armadas e investir na tecnologia da informação. A teoria do “dominó” não se concretizou como o esperado, visto que, depois da Guerra do Vietnã, os comunistas apossaram-se do poder somente no Laos e no Camboja.

Paralelamente às Guerras da Indochina, no Oriente-Médio, um outro conflito, também prolongado acontecia, o árabe-israelense, com repercussões intensas no cenário internacional.